

Brahmadatta e o Macaco Chefe

Em tempos antigos, uma tribo de macacos vivia num vale remoto aninhado no sopé das montanhas do Himalaia. Seu lar era ao lado das águas sagradas do Rio Ganges, que fluíam rapidamente sobre as rochas lisas. O ar tinha a fragrância de orquídeas. Os únicos sons eram a música da água corrente, o canto alegre dos pássaros, o sussurro suave do vento nas árvores e a tagarelice de macacos felizes.

Ao lado do rio, havia uma velha e magnífica árvore, que dava maravilhosas frutas douradas, cheirosas e suculentas, macias ao toque e de delicioso paladar. Quando amadureciam, os macacos iam brincar na árvore, compartilhar as suculentas frutas e celebrar a beleza e a paz da sua vida.

A grande sorte dos macacos se devia ao seu chefe, o mais poderoso e benevolente macaco chefe que já tinha existido. Ele tinha mais do que o dobro do tamanho de qualquer outro, era imensamente forte e corajoso e, no entanto, gentil e compassivo. E era excepcionalmente sábio. Foi ele quem descobriu aquele lar belo e abundante, onde a tribo podia prosperar. Aquele macaco chefe era, na verdade, o Bodhisattva, uma encarnação do Senhor Buddha.

Um dia, ele estava observando a corrida do rio, quando viu uma flor cair da árvore e flutuar correnteza abaixo. Para onde iria? Ele imaginou-a alcançando as tribos desconhecidas que viviam rio abaixo — os humanos! Se vissem a flor ou a fruta dourada, iriam querer a árvore para si, e os macacos não teriam mais um lar seguro.

O chefe reuniu a tribo e falou sobre o perigo que estava antevendo. “Todo ano precisamos remover as flores e frutas novas dos galhos que pendem sobre a água”, disse-lhes. “É um pequeno sacrifício. Muitos galhos estão sobre a terra e nos proverão de frutas em abundância.”

Os macacos atenderam a advertência do chefe. Enquanto colhiam as flores dos galhos que pendiam sobre o rio, os jovens transformaram aquilo numa brincadeira, competindo uns com os outros para ver quem colhia mais. O macaco chefe sentou-se numa pedra, observando-os brincarem, e sorriu.

Com o tempo, a tribo prosperou, e muitos outros macacos vieram se juntar a eles. Todos eram bem-vindos. Então a tribo cresceu até ter mais de oitenta mil macacos.

Durante anos, todos os macacos foram vigilantes para impedir que as frutas caíssem no rio. Na estação quente, o chefe e alguns membros da tribo inspecionavam a árvore dia e noite para garantir que nenhuma fruta amadurecesse sobre o rio. Entretanto, um dia, uma fruta cresceu despercebida entre as folhas, oculta por um ninho de formigas. Sem que ninguém notasse, caiu na água e foi levada, através das montanhas rochosas, até o vale abaixo.

Enquanto isso, muitos quilômetros rio abaixo, na capital real de Kashi, o rajá Brahmadata vivia em seu palácio, em lânguida ostentação. Todos os seus desejos eram satisfeitos. Mas ele sentia um vazio entediante por dentro, um eterno sentimento de carência, que tentava preencher com festas e entretenimentos. Isso o fez gordo e muito, muito entediado. Aquele rei sentia apenas um pouco de contentamento à tarde, quando se banhava nas águas refrescantes do Ganges. Todos os dias, seus cortesãos colocavam redes rio acima e rio abaixo, para proteger o rajá dos crocodilos.

Uma tarde, quando Brahmadata se refestelava no rio sob o sol escaldante de verão, viu algo preso numa das redes. “Aquilo é estranho”, disse ele, indicando-o com uma mão preguiçosa. “Tragam-me aquilo, imediatamente!”

Um dos pescadores que seguravam a rede vadeou pelo rio para pegar o objeto. Entregou-o ao assessor, que o mostrou ao rei. Era de um vermelho escarlata, e também verde, macio ao toque, intumescido e, ah, tão perfumado! O rei nunca tinha visto algo assim.

“O que será?”, perguntou. “Talvez seja uma fruta. Chamem o lenhador; ele deve saber, pois tem um grande conhecimento sobre árvores”. Quando o lenhador chegou, o rajá Brahmadata o esperava à sombra da tenda real, na margem do rio. O lenhador o saudou e examinou a fruta cuidadosamente. “Marajá”, disse, “creio que esta fruta é conhecida como manga. Ouvi fábulas sobre ela. Acho que cresce nas montanhas altas do Himalaia, onde o ar é puro, e a água, cristalina. É comestível.”

“Você precisa prová-la primeiro”, disse o rei, desconfiado. “Mas pegue apenas um pedacinho!”, acrescentou ávido.

Quando o lenhador a fatiou, a polpa dourada liberou o doce perfume da fruta. Ao ver que o lenhador continuou ileso após dar uma pequena mordida, Brahmadata tomou-lhe a fruta e comeu com grande prazer. Nesse momento, vários cortesãos se juntaram ao redor, ansiando por um pedaço da estranha fruta.

“Esta fruta é divina”, declarou o rei, “não existe nada que se compare a ela”.

Nos minutos, horas e dias seguintes, o rajá Brahmadata foi dominado pela ânsia de comer mangas. Todas as noites, sonhava com uma árvore encantada, com frutas douradas e cheias de néctar nos galhos. Após algumas noites, não aguentou mais. Declarou: “Preciso encontrar a árvore que produz aquela fruta.” E iniciou uma expedição para subir o rio.

A jornada foi longa e árdua; os homens remavam contra a correnteza na época mais quente do ano. No vigésimo primeiro dia, quando o sol se aproximava do poente, chegaram finalmente à maravilhosa árvore. Os homens do destacamento do rei ficaram boquiabertos com a abundância que viam diante deles. Os galhos da árvore ao lado da margem estavam pesadamente carregados de frutas e se arqueavam quase até o chão. O rei e os cortesãos se fartaram até o sol se por. Uma vez saciados da deliciosa fruta, se retiraram para um acampamento que tinham montado próximo dali e caíram no sono.

A lua cheia surgiu, prateada e luminosa no céu noturno. À meia noite, um grupo de jovens macacos chegou à árvore e começou a comer mangas. Sua tagarelice, quando se afastaram da árvore, acordou Brahmadata. “Macacos!”, exclamou, “devem ter comido minhas mangas”. Ele acordou o ministro e disse: “Amanhã, cerque a mangueira com nossos melhores arqueiros, mas mantenha-os bem escondidos. Quando esses macacos retornarem às frutas, atirem em todos. Precisamos proteger minhas mangas.”

Um jovem macaco que se desviara do grupo ouviu o plano do rei e correu o mais rápido que pôde até o macaco chefe.

“Ó amado chefe, salve-nos!”, disse, tremendo de medo. “Uma fruta deve ter caído no rio, e agora os homens estão aqui e planejam nos matar e ficar com as mangas para eles. O que devemos fazer?” Nesse momento, muitos da tribo tinham se reunido ao redor do chefe e começaram a gritar: “O que vamos fazer?”

“Eu os salvarei, meus queridos”, disse o chefe amorosamente. “Não tenham medo, mas façam o que eu disser.” Após tranquilizar a tribo, o vigoroso chefe os conduziu até a mangueira. Subiu ao galho mais alto e, rápido como o vento, saltou uma distância igual a cem vezes a do disparo de um arco e aterrissou numa árvore na margem oposta. Lá, à beira da água, encontrou um junco tão longo como seu pulo. Ele o usaria como ponte para levar a tribo em segurança sobre o poderoso rio.

Amarrou uma ponta do junco numa árvore e a outra ponta no seu pé. Então, reuniu toda sua energia e saltou de volta para a mangueira.

Mas — ai dele! — ao agarrar um galho da mangueira, percebeu que o junco era muito curto. Como tinha sido amarrado à árvore do outro lado, não cobria toda a distância. O macaco chefe ficara todo esticado, com os braços segurando um galho da mangueira, e o pé amarrado ao junco. Ele tinha se tornado parte da ponte! Corajosamente, segurou firme e chamou sua imensa tribo: “Atravessem esta ponte e se salvarão.”

Um a um, os macacos correram sobre seu corpo e por toda a extensão do junco até a margem segura do lado oposto. No entanto, o último macaco nutria um desejo secreto de ser o chefe da tribo. Aquele rival rancoroso do Bodhisattva pulou com toda a força nas costas do chefe e partiu-lhe a espinha. Sem nenhum cuidado, o abominável macaco correu em busca de segurança, deixando seu chefe sofrendo sozinho.

À luz crescente do amanhecer, o rajá Brahmadata viu tudo o que se passara. Lágrimas começaram a rolar pelo seu rosto. Ele estava profundamente comovido pelo sacrifício que o macaco-chefe havia feito para salvar a tribo. Era apenas um animal, um macaco, e ainda assim mais nobre do que qualquer homem que o rei conhecera.

“Desçam aquele macaco”, ordenou a seus homens, “e tratem-no com respeito”.

O macaco chefe foi levado até o pé da árvore e colocado sobre almofadas de seda. O próprio rei ofereceu-lhe água. Quando viu que seu hóspede estava o mais confortável possível, o rei perguntou: “Você poderia ter-se salvo, ó Nobre Macaco Chefe. Ao invés disso, fez de seu corpo uma ponte para os outros passarem. Você lhes deu sua vida. Por que fez isso? Quem é você? E o que são os outros macacos para você?”

“Ó Rei”, respondeu o macaco, “eu sou o chefe e o guia deles. Tenho sido seu pai e eu os amo. Minha vida é um preço pequeno a ser pago pela liberdade deles. Nem a morte nem a servidão irão perturbar meu coração, uma vez que aqueles por quem eu zelo estão a salvo agora.”

O Bodhisattva fez uma pausa e depois, novamente, se dirigiu ao rei: “Se minha morte também for uma lição para você, ó Rajá, então estou muito feliz. Eu lhe digo

que não é o poder dos seus arqueiros que o tornam rei; é o poder do seu coração. Um governante sábio busca o bem-estar de todos em seus domínios. Governe através do amor e você será um verdadeiro rei. Quando eu não estiver mais aqui, lembre-se das minhas palavras, ó Brahmadata.”

Então, o macaco chefe fechou os olhos e expirou. O rajá Brahmadata inclinou a cabeça. Sentado em silêncio, percebeu que tinha estado na presença de um grande ser. A sabedoria do Abençoado abriu as pétalas do seu coração. Brahmadata compreendia agora o que traria significado para sua vida. Decidiu ser um rei nobre e servir ao seu povo com dedicação e amor. Construiu um templo em honra ao Bodhisattva, para que nunca se esquecesse de suas sábias instruções. Nos anos seguintes, o reino de Kashi floresceu, e mangueiras foram plantadas em cada jardim para que todos pudessem saborear sua doce fruta.

“Brahmadatta e o Macaco Chefe” é um dos Contos de Jataka. Os Contos de Jataka são uma coletânea de 550 fábulas e anedotas, que datam de 300 A.C. a 400 D.C., e que narram as vidas progressas do Senhor Buddha. Esses contos, que constituem um aspecto essencial da literatura budista, enaltecem as virtudes do Bodhisattva em suas encarnações humana e animal.